

## 14º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2023

GEOVANNA SALES JESUS LEITE<sup>1</sup>, DANUZA AMÉRICO FELIPE DE LIMA<sup>2</sup>

### Literatura indígena e o indianismo: a construção da imagem do indígena em *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* de Daniel Munduruku e *O Guarani* de José de Alencar

1 Graduando em Letras - Português e Espanhol, Bolsista PIBIFSP, integrante do Grupo de Pesquisa Constelações literárias de autoria negro-africana, afro-latina e afro-brasileira, IFSP, câmpus Avaré, sales.g@aluno.ifsp.edu.br

2 Professora do Instituto Federal de São Paulo, câmpus Avaré. Doutora em Literatura de Língua Portuguesa pela Universidade de Coimbra e mestre em Estudos de Literatura pela Universidade Federal de São Carlos, integrante do Grupo de Pesquisa Constelações literárias de autoria negro-africana, afro-latina e afro-brasileira, IFSP/CNPQ, danuza.lima@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 8.02.06.00-0 Literatura Brasileira

**RESUMO:** A presente pesquisa tem como objetivo analisar duas obras, *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* de Daniel Munduruku e *O Guarani* de José de Alencar, e discutir a imagem empregada ao indígena, assim como a reivindicação da ruptura desta através da literatura produzida pelos povos originários. O estudo está centrado no levantamento bibliográfico, leitura, reflexão e escrita acerca dos fenômenos históricos da colonização, análise crítica do texto literário, correntes teóricas do pós-colonialismo e do pensamento decolonial, ensino da literatura e o cumprimento da lei 11.645/08. O estudo indicou que cada obra apresenta imagens contrapostas da identidade indígena, sendo as produções alencarinas resultado de ideias eurocêntricas existentes no imaginário brasileiro. Munduruku, por outro lado, apresenta uma narrativa de oposição à paisagem estereotipada advinda do período colonial e apresenta o indígena como protagonista do discurso. Compreender estes dois cenários e analisá-los de forma crítica se torna a peça chave para colocar-se em prática a educação antirracista e o reconhecimento da contribuição indígena na literatura brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** DECOLONIAL; LITERATURA; BRASIL; INDÍGENA.

### Indigenous literature and Indianism: the construction of the indigenous image in *O Karaíba: a history of pre-Brazil* by Daniel Munduruku and *O Guarani* by José de Alencar

**ABSTRACT:** The aim of this research is to analyze two works, *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* by Daniel Munduruku and *O Guarani* by José de Alencar, and to discuss the image used of indigenous people, as well as the claim to break away from it through the literature produced by native peoples. The study focuses on a bibliographical survey, reading, reflection and writing about the historical phenomena of colonization, critical analysis of the literary text, theoretical currents of post-colonialism and decolonial thought, the teaching of literature and compliance with Law 11.645/08. The study showed that each work presents opposing images of indigenous identity, with Alencarinas' productions being the result of Eurocentric ideas in the Brazilian imagination. Munduruku, on the other hand, presents a narrative that opposes the stereotyped landscape from the colonial period and presents the indigenous person as the protagonist of the discourse. Understanding these two scenarios and analyzing them critically is the key to putting anti-racist education into practice and recognizing the indigenous contribution to Brazilian literature.

**KEYWORDS:** DECOLONIAL; LITERATURE; BRAZIL; INDIGENOUS.

## INTRODUÇÃO

O período romântico da literatura fortaleceu uma perspectiva fantasiosa e estereotipada do indígena no Brasil. Nestas obras, estes são frequentemente descritos como submissos e assimilados aos valores europeus, compactuando com o mito do "bom selvagem" de Jean-Jacques Rousseau, a despeito da resistência histórica do movimento indígena que se manifesta socialmente por meio das lutas por direitos políticos e também por meio da produção artística e literária.

Diante disso, se faz urgente o questionamento desta ideia que estagnou-se no tempo e compromete não só a construção de uma sociedade mais justa através de políticas públicas, como também na preservação do conhecimento e cultura destes povos. À face do exposto, este projeto de pesquisa trata da análise comparativa entre duas obras literárias, nomeadamente *O Guarani* do escritor romântico José de Alencar, publicada em 1857, e *O Karaíba: uma história do pré-Brasil* do autor contemporâneo indígena Daniel Munduruku, publicada em 2010. Têm-se como objetivo discutir a imagem cristalizada do indígena no imaginário brasileiro, assim como a reivindicação da ruptura desta através da literatura produzida pelos povos originários. Essa discussão insere-se no cumprimento da lei 11.645/08 que garante o ensino da história e cultura indígena por meio da literatura.

A ideia da pesquisa nasceu no âmbito das aulas de literatura brasileira do curso de licenciatura em Letras e do Grupo de Pesquisa Constelações Literárias de Autoria Afro-latina, Negro-africana e Afro-brasileira em que a pesquisadora foi convidada a refletir sobre o ensino da literatura brasileira sob uma perspectiva decolonial. E somada a experiência pessoal da aluna indígena e ativista, nasceu o intuito de conhecer mais profundamente a literatura indígena e compreender os aspectos acima mencionados.

A pesquisa está vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica nas Ações Afirmativas do CNPq.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O trabalho está centrado no levantamento bibliográfico, leitura, reflexão e escrita acerca dos fenômenos históricos da colonização, análise crítica do texto literário, correntes teóricas do pós-colonialismo e do pensamento decolonial, ensino da literatura e o cumprimento da lei 11.645/08. Foram utilizados textos de apoio em formato físico e digital como livros, filmes, assim como palestras presenciais e online.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os povos indígenas possuem como característica a oralidade, pois foi por esta via que suas cosmologias, costumes, histórias e conhecimentos foram passados de geração em geração. No entanto, foram várias as ações políticas e culturais que promoveram o apagamento e o silenciamento dessa tradição no Brasil. A exemplo do que ocorreu, em 1758, quando Marquês de Pombal proibiu o uso do tupi e instaurou o português como língua oficial a fim de enfraquecer a ação dos jesuítas para com os indígenas.

Um dos principais fatores que influenciam o surgimento da literatura indígena é, justamente, a reação a um silenciamento imposto por este processo histórico que interferiu no modo em que povos nativos cultivam suas culturas.

Tem-se como marco da literatura indígena brasileira a década de 1980, quando foi publicado o livro *Antes o Mundo Não Existia* de Umúsin Panlõn & Tolamã Kenhíri, pertencentes ao povo Dessana do Amazonas. Essa literatura é caracterizada por obras que tem como autoria pessoas indígenas. Ao longo do tempo, surgiram diversos autores e autoras, tais como Eliane Potiguara, Ailton Krenak, Olívio Jekupé, Kaká Werá, Julie Dorrico, Márcia Kambeba, Graça Graúna Potiguara e Daniel Munduruku. Esses escritos têm contribuído no letramento tanto na educação infantil e básica, por meio de materiais paradidáticos, quanto nas investigações acadêmicas.

A literatura indígena se contrapõe à indianista que surgiu no final do período do Arcadismo, ganhando destaque no Romantismo. Neste período, o Brasil, recém independente, está em busca de uma identidade nacional. A partir deste cenário, são escolhidos como símbolos o indígena e a natureza exuberante.

*O Guarani* de José de Alencar faz parte da literatura romântica indianista, isto é, toma o indígena como tema, no entanto conserva a perspectiva colonial sobre essas pessoas. Como resultado, há a figuração do índio subserviente e conivente com a catequização e a miscigenação por vezes forçada pela violência sexual. É esta a figura do indígena como “herói nacional”. Em contrapartida, os indígenas que não compactuam com essa postura são tidos como selvagens, preguiçosos e vinculados a outras imagens pejorativas.

A literatura vai, portanto, influenciar a visão da sociedade brasileira sobre a formação do país. E as ideias que compõem estas narrativas partem da premissa de superioridade social e racial dos europeus frente aos indígenas. O modelo do romance indianista são os romances de cavalaria e por isso os valores explorados na configuração dos heróis têm como base os heróis medievais europeus. Segundo Schwarz, essa escolha se deu a fim de agradar um público leitor habituado com as narrativas europeias. Conforme afirma, “o romance existiu no Brasil, antes de haver romancistas brasileiros. Quando apareceram, foi natural que estes seguissem modelos, bons e ruins, que a Europa já havia estabelecido em nossos hábitos de leitura” (Schwarz, 2007, p. 35).

Na análise comparativa entre o romance indianista *O guarani* de José de Alencar e o romance indígena *O Karaíba: história de um pré-Brasil* de Daniel Munduruku, foi possível observar que na narrativa alencariana o protagonista indígena do povo Goiatacas, Peri, é descrito como protetor dos colonos, apaixonado por Ceci que é filha do português D. Antônio de Mariz. E nesse lugar de protetor, ele se contrapõe aos outros indígenas, conforme ocorre com o embate aos Aimorés. Há outra personagem indígena, a Isabel, que dialoga com a ideia de assimilação por meio da mestiçagem. Ela é filha de D. Antônio de Mariz com uma indígena e é descrita como prima de Ceci, quando na verdade são irmãs. A personagem não se identifica com a sua identidade indígena, negando-a constantemente. Ela também é frequentemente comparada com a Ceci, sendo colocada em evidência o desfavorecimento em função de sua pertença racial. Há outros elementos que foram analisados na pesquisa, tais como o espaço, foco narrativo etc. No entanto, neste resumo expandido, optamos por destacar como amostragem a análise comparativa com relação ao enredo e os personagens.

Munduruku apresenta ao leitor um enredo que remete ao momento anterior à chegada dos colonizadores, pois narra a história de três povos indígenas que recebem a profecia de um sábio, o Karaíba, a respeito da chegada de algo que iria destruir as águas, a terra, os animais, as plantas e os lugares sagrados. E somente a união daria vida àquele capaz de protegê-los. A profecia remete, portanto, à chegada dos portugueses.

Perna Solta é o protagonista que nasceu com uma deficiência, porém adquiriu a habilidade de correr rápido e se tornou mensageiro de seu povo. Ele é apaixonado por Marai. Na segunda aldeia, há o povo Turiaçu - este é o nome do local no Maranhão, Alto Turiaçu, onde atualmente vivem os Ka'apor, Tembê, Timbira e Awá Guajá. O personagem principal é o jovem Periantã, que segundo a profecia é quem deverá se unir com a guerreira de um povo rival para dar vida àquele que seria capaz de salvá-los. E por fim, o terceiro povo são os Tupiniquim, povo rival aos demais. Estes abrigam a guerreira Potyra, uma jovem destemida que se recusa a seguir o caminho tradicional estabelecido em sua aldeia de unicamente casar e ter filhos, pois deseja ser guerreira.

Inicialmente, o Karaíba acredita que Marai e Peryantã seriam os escolhidos da profecia, porém ao longo da narrativa percebe a ligação dela com Perna Solta e a desenvoltura de Potyra na arte de guerrear. Então, ele compreende que se precipitou. O clímax do enredo é o sequestro de Marai pelos Turiaçu devido a profecia, o que leva a busca de seu resgate pelos Tupinambá. Já os Tupiniquim saem em busca dos Turiaçu que haviam partido em busca de Marai. Esta confusão em cadeia resultou no encontro dos três povos na floresta. É neste momento que as lideranças se reúnem e entram em comum acordo sobre o significado da profecia. Potyra compreende sua importância para o futuro de seu povo e aceita se casar com Peryantã. Marai é libertada e casa-se com Perna Solta. Dessa união profética nasce Cunhambebe, o escolhido. E foi ele quem avistou, na região litorânea, um ponto branco navegando no horizonte. Eram os fantasmas. A história, então, chega ao fim quando começa a história narrada pelos invasores.

É visível no romance de Munduruku o protagonismo do indígena, a construção baseada numa perspectiva de valorização da cultura dos povos originários. Ademais, o autor apresenta a desconstrução de vários imaginários em relação aos indígenas e às suas práticas culturais, tal como a idealização do herói, antropofagismo, ancestralidade, organização social, cultural oral etc.

## CONCLUSÕES

A pesquisa apresentou a análise comparativa, de maneira crítica e lançando mão das teorias decoloniais, de um romance indianista com um romance de autoria indígena. A análise ocorreu tendo como referência aspectos internos da obra como as categorias narrativas e aspectos externos, sociais, como o contexto de produção e disseminação das obras no ambiente escolar, tendo em vista a efetivação da lei 11.645/08 que instituiu a obrigatoriedade do reconhecimento da contribuição dos indígenas na sociedade brasileira por meio do ensino da literatura.

## CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

D.A.F.L. contribuiu com a supervisão, conceitualização e escrita. G.S.J.L. procedeu a pesquisa e escrita. Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Iniciação Científica - PIBIC/CNPq nas Ações Afirmativas no qual o presente projeto de pesquisa integra. A minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Danuza Américo Felipe de Lima, que caminhou ao meu lado para a construção deste projeto.

## REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. L. M.; PONTARA, M. **Literatura brasileira: tempos leitores e leituras**. São Paulo: Moderna, 2005.

ALENCAR, J. **O guarani**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1985.

FUNARI, P. P.; PIÑON, A. **A temática indígena na escola: subsídios para os professores**. São Paulo: Contexto, 2022.

MUNDURUKU, D. **O Karaíba: uma história do pré-Brasil**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005.

SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal. In: MENESES, Maria Paula; SANTOS, B. S. (orgs.). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SCHWARZ, R. A importação do romance e suas contradições em Alencar. In: SCHWARZ, R. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo: Ed. 34, 2007.